

## APRESENTAÇÃO

“A Educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida” dizia Sêneca. E é com esta responsabilidade que o Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes – ICHLA –, da Universidade Feevale, nos agracia com mais uma edição da Revista Prâksis, abordando, desta vez, as temáticas da *Educação, Filosofia e Cultura*, enquanto temas centrais na reflexão e na produção de conhecimento da grande área das Ciências Humanas.

É aparentemente paradoxal que na sociedade contemporânea, concomitante com os avanços científicos e tecnológicos, além do discurso pró inovação, os desafios e dilemas da existência humana, da educação e da manifestação cultural permanecem centrais neste contexto. A demanda por orientação, que está se expressando, seja na procura por literatura de “auto ajuda” ou por grupos de filosofia clínica ou, por ampla literatura de filosofia, educação, psicologia e diversidade cultural, revelam que a vida e o ser humano são mais complexos que as parciais interpretações que algumas áreas teimam em simplificar.

Os filósofos e educadores gregos, ao conceberem a Paidéia – proposta de educação do homem grego ideal -, sabiam que este precisava de uma formação integral, cuidando e desenvolvendo o corpo (saúde física), o intelecto (logos = razão) e do espírito (ética = caráter), isto quer dizer, desenvolveram “uma educação pública, retirada da família e do santuário, que visa à formação do cidadão e das suas virtudes (persuasão e capacidade de liderança, sobretudo). É uma educação que se liga

à palavra e à escrita e tende à formação do homem como orador, marcado pelo princípio do Kalogathos (do belo e do bom) e que visa cultivar os aspectos mais próprios do humano em cada indivíduo, elevando-o a uma condição de excelência, que todavia não se possui por natureza, mas se adquire pelo estudo e pelo empenho”(CAMBI, 1999, p.86). Esta proposta que era praticada alvejava uma formação integral do ser humano, em todas suas dimensões e lados, mediante o domínio científico das múltiplas técnicas.

A filosofia, e conseqüentemente os filósofos, como se dizia, não devem ter preferência por dogmatismos rivais; eles se ocupam com o ser absoluto, para além do objeto do físico e da imaginação do teólogo. Mas dizer isso é esquecer que, recusando-se a falar, Descartes se recusa também a dar valor e existência a essa ordem filosófica em que o situam. Calando-se, não transcende os erros, mas deixa-os em luta, encorajando, especialmente o vencedor momentâneo. Não é a mesma coisa ficar calado e dizer por que não se quer escolher. Se o tivesse feito, Descartes não poderia ter deixado de afirmar o direito relativo de Galileu contra o Santo Ofício. A filosofia e o ser absoluto não estão acima dos erros rivais que no mundo se digladiam: nenhum deles nunca tem a mesma forma de ser, cabendo à Filosofia, que é a verdade integral, dizer o que neles há de verdade. A dialética ou a ambigüidade do filósofo é apenas uma maneira de dizer aquilo que cada homem muito bem sabe: o valor dos momentos em que, efetivamente, a vida se renova, continuando;

reencontra-se e compreende-se, ultrapassando-se; em que o seu mundo privado se torna mundo comum. Esses mistérios existem no filósofo, como em cada um de nós. O filósofo é o homem que desperta e fala; e o homem contém em silêncio os paradoxos da filosofia, porque, para ser plenamente homem, é preciso ser um pouco mais e um pouco menos do que homem (MERLEAU-PONTY. Elogio da Filosofia).

Mas, o que é a Cultura? Dois são os significados iniciais da noção de Cultura, segundo Marilena Chauí: o primeiro, advindo do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, Cultura significava o cuidado do homem com a Natureza. A Cultura era o cultivo ou a educação do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais (caráter, índole, temperamento); o segundo significado, a partir do século XVIII, Cultura passa a significar **os resultados** daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado.

No primeiro sentido, a Cultura é o aprimoramento da natureza humana pela educação em sentido amplo, isto é, como formação das crianças não só pela alfabetização, mas também pela iniciação à vida da coletividade por meio do aprendizado da música, dança, ginástica, gramática, poesia, retórica, história, filosofia, etc. A pessoa culta era a pessoa moralmente virtuosa, politicamente consciente e participante, intelectualmente desenvolvida pelo conhecimento das ciências, das artes e da Filosofia. É este sentido que leva muitos, ainda hoje, a falar em “cultos” e “incultos”. Podemos observar que neste primeiro sentido Cultura e Natureza não se opõem. Os humanos são considerados seres naturais, embora diferentes dos animais e das plantas. Sua natureza, porém, não

pode ser deixada por conta própria, porque tenderá a ser agressiva, destrutiva, ignorante, precisando por isso ser educada, formada, cultivada de acordo com os ideais de sua sociedade. A Cultura é uma **segunda natureza**, que a educação e os costumes acrescentam à **primeira natureza**, isto é, uma natureza **adquirida**, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza **inata** de cada um.

No segundo sentido, isto é, naquele formulado a partir do século XVIII, tem início a separação e, posteriormente, a oposição entre Natureza e Cultura. Os pensadores consideram, sobretudo a partir de Kant, que há entre o homem e a Natureza uma diferença essencial: esta opera mecanicamente de acordo com leis necessárias de causa e efeito, mas aquele é dotado de liberdade e razão, agindo por escolha, de acordo com valores e fins. A Natureza é o reino da necessidade causal, do determinismo cego. A humanidade ou Cultura é o reino da finalidade livre, das escolhas racionais, dos valores, da distinção entre bem e mal, verdadeiro e falso, justo e injusto, sagrado e profano, belo e feio (Chauí, Convite à Filosofia).

Educação, Filosofia e Cultura são expressões do fazer humano, unicamente humano. Hannah Arendt afirma que “[...] a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens” e que “[...] tudo que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que pode ser discutido”. Desejamos, muito, que as reflexões da revista *práxis* que está em suas mãos contribuam com suas discussões sobre os processos humanos em curso e que possamos dar novos rumos e sentidos para nossas vidas e práticas cotidianas.

Prof. Dr. Gabriel Grabowski  
Prof. de Filosofia e de Educação